

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL E SUAS VICISSITUDES

Dr. Carlos Byington

Apresentação Prof^a Denise Gimenez Ramos:

Boa noite a todos! Deixamos a sobremesa para o final, como é de praxe. Com certeza o Dr. Carlos Byington dispensa apresentação, o Junguiano mais conhecido, pioneiro no Brasil e no mundo, e mestre de todos nós. Para quem não conhece vou reforçar que o Dr. Carlos Byington é psiquiatra, analista Junguiano pelo Instituto de Zurique, membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, criador da Psicologia Simbólica Junguiana, do conceito de Arquétipo, da Alteridade e da Teoria Arquetípica da História, com publicações em múltiplos artigos, e livros em português, espanhol e em inglês. Portanto é uma honra para nós tê-lo aqui, Byington, no nosso Núcleo, no nosso evento, você está fechando com chave de ouro, é uma grande alegria, muito obrigada!

Byington:

Boa tarde a todos. Apresento a vocês ideias baseadas num referencial teórico que denomino Psicologia Simbólica Junguiana. Esta teoria é simbólica porque para mim todas as representações registradas pelos 100 bilhões de neurônios do nosso cérebro são símbolos. Quando eu me apaixonei pela psique, senti que **a principal função psíquica é a função transcendente**. Em 1916 Jung descreveu a função transcendente, mas seu artigo ficou escondido numa gaveta do Instituto Jung, em Zurique durante 40 anos, porque ele temia ser considerado um religioso como seu pai e não um cientista. Foi esse conceito que incentivou minha ida a Zurique. Jung não o publicou. Foram os alunos do Instituto que o descobriram em 1956, 40 anos depois de escrito. Esse conceito correspondeu plenamente àquilo que buscava na minha carreira. Foi ele que transformou, para mim, todas as representações psíquicas, normais e patológicas, em símbolos do Self.

As coisas são sempre mais do que aparentam. Isso ocorre porque nosso cérebro tem cem bilhões de neurônios, que nos permitem usar as coisas com inúmeros significados para fazer tudo o que já conseguimos até hoje. Essas coisas, que nós vivemos para formar nossa consciência e nossa inteligência, Jung chamou de **Processo de Individuação**. Elas dão sentido à nossa vida. Por isso, eu chamei essa disciplina de Psicologia Simbólica, que não deve ser reduzida nem a *uma* psicologia, e nem a *uma* descoberta, pois, na realidade, ela é um humanismo.

Eu não posso admitir cientificamente que um Junguiano seja contra um freudiano,

ou contra Moreno, ou contra Heidegger, ou que combata a ontologia, ou as neurociências. Eu não posso conceber isso porque todas as escolas expressam o Self que é sinônimo de Psique, Atman, Tao, Zen, Cosmos e Deus. O que se pode e se deve fazer com os diferentes conceitos, é submetê-los de forma crescente à elaboração simbólica para que eles não deformem a realidade psíquica e a expressem de maneira cada vez mais condizente com a sua autenticidade. Uma das causas frequentes de deformação dos conceitos psíquicos é o reducionismo que impede percebê-los plenamente dentro da sua abrangência simbólica e arquetípica.

Mas porque que eu chamei de junguiana essa Psicologia Simbólica? Foi por causa do processo de individuação. No meio da ciência psicológica, Jung foi, ao que eu saiba, o único que percebeu dentro de si mesmo um processo, que deu sentido à sua identidade profunda e nela incluiu a busca da totalidade latente em todo ser humano.

É importante elaborarmos bem o Arquétipo da Anima, pois ele é o responsável pela busca da identidade profunda no Processo de Individuação. No início, Jung achou que o arquétipo da Anima era o Arquétipo de Deus, mas, depois de receber de Richard Wilhelm *O Segredo da Flor de Ouro*, que representava a totalidade como mandalas da meditação na alquimia chinesa, percebeu que a mandala é o símbolo da totalidade, do Self e que a Anima expressa a função estruturante do amor, que é o psicopompo, o arquétipo guia para a busca dessa totalidade. Assim concebeu o Arquétipo do Animus, como o equivalente na mulher.

Apesar de Jung ter descoberto o Arquétipo da Anima na sua paixão por Sabina e por Toni Wolff, como descreveu Maria Helena Guerra (2011), em *O Livro Vermelho: o Drama de Amor de C. G. Jung*, acho redutivo considerarmos a Anima como o arquétipo do feminino e o Animus do masculino, pois eles são os arquétipos da busca da totalidade que pode ou não ser ligado ao gênero. No meu caso, por exemplo, isso não foi assim. Eu já era apaixonado por Freud, fazia análise e me considerava psiquiatra e psicanalista, quando li o vol. 9 parte 2 de Jung, que continha a descrição dos arquétipos e da psique coletiva e fui acometido de uma segunda forte paixão. Foi assim que minha Anima me levou para Zurique e me tornou um analista Junguiano.

Eu já fui para Zurique apaixonado por Freud, e depois voltei de Zurique com dois amores, e tive que reunir isso na minha criatividade. Foi aí que me dei conta da importância central do conceito de símbolo na Psicologia porque ele reúne os polos das polaridades, a começar pelo subjetivo e o objetivo e também por Freud (a infância) e Jung (a maturidade). Nessa época, percebi que nós precisávamos de uma psicologia simbólica que reunisse a dissociação entre sujeito e objeto no Self Cultural para curar a ferida que

ocorreu no final do século XVIII, com a Revolução Francesa. Ao separar a ciência da religião, houve uma ruptura dentro do Self cultural com a separação do subjetivo e objetivo, e a ciência passou a cultivar exclusivamente o objetivo e se tornou materialista. Essa foi a origem da dissociação materialista que passou a dominar a cultura Ocidental a partir do século 19.

Ao se separar da religião, a ciência adotou o materialismo como expressão única da verdade científica. Essa dissociação foi considerada uma libertação, mas na realidade ela inaugurou **a dissociação sujeito-objeto**, que é a grande fixação da cultura ocidental, e que passou a fazer parte inconscientemente da epistemologia científica, ou seja, **apesar de ser uma defesa gravíssima, passou a ser tratada como se normal fosse.**

A libertação da Inquisição foi maravilhosa, com a Revolução Francesa, com o fim da monarquia e a declaração da república. Só que, o subjetivo foi eliminado do conhecimento científico e considerado um erro quando relacionado à verdade. O esotérico, o mito, a imaginação e, a arte foram expulsos com a religião e não puderam mais fazer parte da verdade. É essa dissociação terrível que separa os psicólogos dos psiquiatras. Ela está na cultura. Vocês não podem receitar e eles são donos da receita dos psicotrópicos e da neurociência. Isto não é ciência, isto é patologia cultural. Exatamente como nós temos as divisões das classes sociais, nós agora temos isso dentro do saber. Foi a busca da cura dessa dissociação que me fez adotar a **perspectiva simbólica** como uma nova psicologia, uma nova epistemologia e um novo humanismo.

Ao adotar o caminho da dimensão simbólica, saímos do caminho exclusivo da falação e entramos na dimensão da vivência.

Há cinco anos fui a um congresso em Caracas e lá apresentei um trabalho que vocês podem ler no meu site (www.carlosbyington.com.br) cujo título é “Freud e Jung, o que a emoção não deixou reunir”.

Os venezuelanos são muito afetivos e com grande vocação para a alteridade, para a democracia e, por isso, havia muitas correntes psicológicas no congresso. Eles se provocavam e curtiavam essas discordâncias. Uma Junguiana quis provocar um Lacaniano e foi procurar na obra de Lacan quantos significados diferentes ele deu à palavra “inconsciente”. O resultado foi 238. Aí ela provocou ainda mais dizendo que “é por isso, que quando se reúnem 3 Lacanianos numa comunidade, logo, logo, surgem 3 sociedades...”

A poesia é a arte da metáfora que extrai significados diferentes dos símbolos e enriquece o pensamento. Lacan é um poeta e suas metáforas têm enriquecido a

psicoterapia. Uma vez ele escreveu “le phalus est le discours de l’inconscient”, o falo é o discursos do inconsciente. Que lindo! Mas o que é que ele quer dizer realmente? Cada um verá de um jeito. Como poesia está ótimo, mas como uma ciência para tratar pessoas que sofrem, é um método muito confuso. Um colega de consultório, ao sair de uma sessão, me disse muito contente: “Fiz cada interpretação genial hoje!” Aí eu lhe perguntei> “- e a paciente melhorou?” e ele respondeu – “bom, isso é com ela.”

O grande Nietzsche, com a profundidade de sua cátedra de Filologia na Universidade de Basileia e antes de sua internação no final da vida, escreveu que “o teatro e a tragédia são a representação das emoções e da vida e a filosofia é a sua decadência”, Nietzsche (1872), *O Nascimento da Tragédia*.

Heidegger também pensou a esse respeito, quando afirmou que o ser pleno estudado por Parmênides e os pré-socráticos tornou-se alienado quando Sócrates, Platão e Aristóteles começaram a pensar separando Logos e Eros.

Eu não desqualifico o logos, mas considero que ele não é primário e sim uma consequência da vivência, pois ela é o Eros, a emoção que, quando elaborada, permite a clareza do logos. **Por isso, primeiro Dionisos e, depois, Apolo. A inversão dessa ordem gera a racionalização e a alienação.**

A genialidade de Freud formulou o conceito de Ego e, a seguir, a **formação da identidade do Ego pelas relações primárias**. Apesar de reduzir, erroneamente, a meu ver, a libido à sexualidade e ao Complexo de Édipo, ele relacionou o desenvolvimento da libido e da consciência às etapas da vida sensual com a fase oral, anal, fálica e genital.

Estudando o desenvolvimento da libido, Freud, mais uma vez genialmente, descobriu **a fixação inconsciente da libido e a formação da defesa da repressão** na base das neuroses. Desta maneira, Freud lançou os alicerces da **psicopatologia dinâmica das neuroses**, centrada nos conceitos de **fixação e de defesa**. Acrescentou ainda o fenômeno da **compulsão de repetição** e da **resistência** à elaboração das fixações e aplicou tudo isto ao processo terapêutico dentro da relação consciente-inconsciente da **transferência** do paciente e da **transferência** do analista.

Era muita genialidade para uma pessoa só e, por isso, creio eu, essa genialidade foi gravemente deformada ao não aplicar corretamente essas descobertas a si mesmo, ou seja, ao não aplicar a fixação e as defesas à elaboração dos seus complexos materno e paterno. Desastrosamente, **Freud chamou essas funções primárias de Complexo de Édipo, ao invés de complexo das relações primárias, ou seja, complexos do quaternário primário**, formado pelo complexo materno (Jocasta), complexo paterno (Laios), pelo vínculo entre eles (psicopatia e tentativa de filicídio) e as reações do Ego (Édipo,

incestuoso, parricida e cego por automutilação psicótica).

Possivelmente, devido ao sofrimento inerente à descoberta de suas relações primárias, Freud violou sua descoberta anterior da formação do Ego e reduziu o Mito da família dos Labdácidas a Édipo, deixando de lado Laios e Jocasta e a sua história.

Posteriormente, racionalizando mais sua defesa, Freud afirmou que todas as crianças nascem com o Complexo de Édipo e devem ser submetidas à repressão e à sublimação para formar um superego para lhes proporcionar a moral e a maturidade.

Para continuar a descoberta original de Freud, segundo a qual o Ego é formado pelas relações primárias e, ao mesmo tempo, evitar sua redução ao Complexo de Édipo, **formulei o conceito do quatérnio primário composto pelo complexo materno** (a mãe, as irmãs e as cuidadoras), **pelo complexo paterno** (o pai, os irmãos e os cuidadores), pelo **vínculo entre eles** e pelas **reações da criança** para formar a sua identidade.

Quando aceitamos essa formulação, precisamos corrigir muitos erros oriundos da redução das relações primárias ao Complexo de Édipo.

O primeiro é que o Complexo de Édipo existe, mas é uma formação defensiva oriunda de fixações presentes no quatérnio primário, que necessita ser bem compreendida por uma minuciosa anamnese em cada caso.

O segundo é que a atribuição do Complexo de Édipo ao desenvolvimento normal de cada criança, independentemente dos pais, **muito contribuiu para encobrir inúmeros casos de perversão e violência dos pais às crianças**. Essa ocorrência foi veementemente denunciada pelo psicanalista inglês Jeffrey Masson (1984), no livro *Atentado à Verdade. A Supressão da Teoria da Sedução de Freud*.

O terceiro é a separação da criança dos complexos parentais e do vínculo entre eles nas relações primárias. Esta separação reduziu as relações primárias à díada criança-mãe, ou criança-seio por Melanie Klein, e afastou o pai da relação primária com grandes prejuízos à formação da identidade da criança e à concepção da identidade e dos papéis da mãe e do pai, da mulher e do homem.

O quarto é a não percepção correta das fixações dos complexos materno, paterno, do vínculo entre eles e das relações da criança dentro do quatérnio primário junto com a percepção da formação da Sombra da criança até a puberdade e da família, seja ela de natureza neurótica, psicopática, *borderline* ou psicótica.

O quinto erro é a deformação da compreensão diferente da identidade do gênero da menina e do menino pelo Complexo de Castração.

As Consequências da Dissociação Materialista no Self Cultural no Final do Século 18

Dentro da dissociação sujeito-objeto do Self Cultural, houve uma dissociação geral das polaridades, e nós passamos a ver os sintomas separados do normal. Nós hoje, por exemplo, temos dois manuais da Psiquiatria Americana, o DSM IV e o DSM V, que passaram a orientar a psiquiatria do mundo. O que se vê ali é o diagnóstico de quadros clínicos por sintomas baseados nos quais os pacientes são medicados. Não há psicodinâmica para se buscar as funções estruturantes fixadas, que assim, não podem ser elaboradas e resgatados pela psicoterapia. Cria-se assim na cultura uma relação direta da medicação com a patologia sem uma elaboração das fixações. Quando muito, faz-se uma psicoterapia comportamental também dirigida exclusivamente aos sintomas e não à cura pela elaboração das fixações que os causam. **O resultado é a criação de uma legião de dependentes químicos iatrogênicos, ou seja, criada pelo tratamento médico que ocupam na cultura um lugar importante ao lado da adição e dos dependentes químicos alimentados pelo narcotráfico.**

Dessa maneira, a dissociação materialista da cultura leva o ser humano a um estado doentio, descrito por Heidegger como alienado, que não está sendo tratado devidamente pela Medicina, mas que, pelo contrário, em muitos casos é por ela agravado.

Esse estágio de alienação na Medicina, caminha de braço dado com o materialismo da cultura de consumo, na qual as multinacionais de medicamentos visam mais o lucro que a cura da doença mental. Por isso, não exigem a psicoterapia das fixações junto com a medicação, mas pelo contrário, incentivam o uso da medicação para tratar sintomas, transformados em doenças.

Infelizmente esse é o caso dos distúrbios mentais, como por exemplo os transtornos de ansiedade, de sono e depressivos, no que são endossados pela psiquiatria clínica baseada nos manuais DSM 4 e 5.

Não devemos desqualificar os investimentos nas pesquisas farmacológicas que vêm descobrindo medicamentos cada vez mais eficientes para aliviar o sofrimento causado pelos sintomas da depressão, da ansiedade e da insônia. O que devemos, sim, é reconhecer que o tratamento exclusivo dos sintomas sem elaboração psicodinâmica, frequentemente leva à dependência e à alienação como parte da cultura de consumo.

Parte da miséria observada nos países do terceiro mundo, como são os que fazem

parte da América Latina advém da concentração da economia no PIB, no polo objetivo da riqueza e não também no polo subjetivo e na distribuição real da riqueza. Este fato propicia a miséria e a ignorância e deixa a população à mercê do populismo que promete diminuir a miséria e socorrer os pobres, sem a competência e a coragem para realizar o gerenciamento da economia que poderia levar a um progresso real. **Essa tem sido a dinâmica materialista do populismo na América Latina que tem a mesma dinâmica simbólica e arquetípica da alienação que estamos descrevendo na Psiquiatria.**

Para abandonarmos essa alienação dos níveis individual e cultural, temos que adotar a perspectiva simbólica para reunir o subjetivo e o objetivo, e o Consciente e o Inconsciente na formação e no funcionamento da consciência desde o início da vida e durante toda a elaboração simbólica. **Foi com essa intenção que concebi o Quatérnio Primário** que reúne dinamicamente o Complexo Materno (mãe, irmãs e todas as cuidadoras), o Complexo Paterno (pai, irmãos e todos os cuidadores), o vínculo entre eles e as reações da criança para formar a identidade do Ego.

Essa conceituação relaciona inseparavelmente todas as polaridades, inclusive os polos masculino e feminino e pais e filhos dentro da família para formar a identidade do Ego e do Outro da gestação à puberdade (Veja Byington, *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito. As Sete Etapas Arquetípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana*).

O quatérnio primário é também o principal referencial para a formação da Sombra, pois as fixações que nele ocorrem são a principal causa das fixações que atuarão no Self Individual no resto da vida.

Os Quatro Arquétipos Regentes e o Arquétipo Central

O Arquétipo Central foi também denominado Self por Jung, nas aqui se restringe ao principal dos arquétipos, enquanto que Self é o conceito empregado para abranger a totalidade psíquica, inclusive o Ego da Consciência e da Sombra com todas as suas defesas.

Os quatro principais arquétipos que coordenam a elaboração simbólica durante toda a vida são os Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade (Anima e Animus) e de Totalidade.

Diferentemente de Neumann e do próprio Jung, o Arquétipo Matriarcal não é reduzido ao feminino, pois aqui é o arquétipo do desejo e da sensualidade e está presente na psique do homem e da mulher. Da mesma forma, o Arquétipo Patriarcal é o arquétipo da organização e não deve ser reduzido ao masculino, pois está

presente na psique da mulher e do homem, ou seja, do feminino e do masculino.

A Formação da Identidade do Homem e da Mulher

Uma vez separados o masculino (homem) e o feminino (mulher), podemos conceituar a formação da identidade de cada um deles em separado e evitando a confusão que Freud fez com a redução da sexualidade da menina à ausência do pênis, que gerou o Complexo de Castração na mulher.

Desta maneira, o que falta à menina, na Psicologia e na Cultura, não é o pênis e sim assumir o clitóris desde o início da formação da sua identidade sexual. O Complexo de Castração da menina, formado quando ela percebe que não tem pênis, foi na realidade uma cliterotomia psicológica realizada pela dominância patriarcal na obra de Freud, que continua a cliterotomia tribal até hoje realizada em tribos africanas e que atinge 160 milhões de mulheres.

Quando a menina percebe que não tem pênis, é chegado o momento de sua mãe realizar sua iniciação no feminino, dizendo-lhe que ela tem clitóris como sua mãe. **“_De hoje em diante”, explicará sua mãe, “você sabe que você é uma mulherzinha igual à sua mamãe e diferente dos homens como seu irmão e seu pai”.**

Essa iniciação da menina permitirá que ela manipule seu clitóris livremente, preparando-se para a puberdade e evitando sua repressão e alienação sexual. Quando ela manipular seu clitóris na escola, lhe será dito que, da mesma forma que ela agora vai para o toailete para urinar e defecar e não os faz mais em público, assim também ela deverá somente tocar seu clitóris no toailete, quando “for tomar banho” e não em público.

Esta diferença conceitual do Matriarcal e do Patriarcal é essencial para percebermos a polaridade homem e mulher, ou seja, masculino e feminino juntos e atuantes, desde o início da vida. O Arquétipo Matriarcal, no homem e na mulher coordenam predominantemente a elaboração simbólica durante a gestação até os dois anos de idade e passa a dividir a coordenação com o Arquétipo Patriarcal dos dois anos até a puberdade, aos doze anos.

Esta conceituação evita a redução do Matriarcal ao feminino e permite que o homem e a mulher se relacionem em igualdade de condições na Alteridade, dentro do quatérnio primário. Desta maneira, podemos perceber o feminino sempre como expressão da psique da mulher e o masculino como expressão da psique do homem, sem misturar as suas identidades.

Esta iniciação evitará a formação do Complexo de Castração criado por Freud quando a menina descobre que não tem pênis e permitirá que ela desenvolva um

relacionamento normal com seu clitóris, preparando-se para a masturbação, o orgasmo e a maturidade sexual adulta, evitando o rótulo patriarcal machista defensivo e puritano, segundo o qual a relação com o clitóris é indevida (cliterotomia).

O que está ocorrendo atualmente com as meninas que estão vivendo sua identidade sexual de forma exibicionista e promíscua é, a meu ver, a falta de uma iniciação sexual, na qual elas assumam seu clitóris e sua sexualidade junto com sua ternura e sensibilidade e não de forma alienada quando assumem sua sexualidade tardiamente imitando a relação promíscua sexual dos meninos.

O homem e a mulher formam a polaridade básica da vida e, por isso, o que acontece com um, afeta o outro.

O equivalente da formação da identidade do menino acompanha a deformação não iniciática da identidade da menina e é sua ferida primal formada pela repressão da função estruturante da ternura, quando ele descobre que tem pênis e que sua mãe não. Esta separação traumática do seu primeiro amor deve ser compensada pela vivência da ternura com seu pai. Isso geralmente é impedido pela desqualificação da ternura do pai e do filho **como homossexualidade**. Assim sendo, o menino se aterá ao desenvolvimento exclusivamente da sua sexualidade e tenderá a sexualizar sua relação com a mulher, sendo incapaz de viver sua ternura com ela e amá-la.

O desenvolvimento simbólico e arquetípico da personalidade, dentro do conceito do quatérnio primário, nos ajuda a compreender as dificuldades de formação da identidade do homem e da mulher e do seu relacionamento afetivo e sexual após a puberdade.

Trata-se assim, não somente de uma dificuldade de vivência do ser adulto, mas, também e, sobretudo, de uma vivência da formação da identidade do homem e da mulher.

Obrigado à Denise e ao Programa de Psicologia Clínica da PUC, pelo convite e a vocês, por sua atenção. Até a próxima vez,